



## A VOZ SEM MEDO

No ano do centenário de Clarice Lispector,  
sua obra e trajetória ainda despertam os  
mais diferentes tipos de paixão

# DE ESCRITOR PARA ESCRITOR

DIVULGAÇÃO

RODRIGO GARCIA LOPES

1. Não se limite apenas a escrever no computador. O Word e o PDF nos enganam muitas vezes, dando a falsa aparência de que o texto está terminado e perfeito. O teste da gaveta é indolor, barato e costuma ser eficaz.

2. Não acredite em poeta ou escritor que diz evitar ler poesia (ou prosa) porque tem medo de se influenciar. Lembre-se do que disse o velho Pound: “Deixe-se influenciar pelo maior número possível de grandes artistas, mas tenha a honestidade de reconhecer sua dívida, ou de procurar disfarçá-la”.

3. Carregue uma caderneta e caneta sempre com você. Tenha à mão cadernos e blocos onde você jogue pensamentos, frases entreouvadas, expressões idiomáticas interessantes, ideias, palavras, etimologias, acontecimentos, versos, cenas, esqueletos de poemas, situações e citações interessantes, esquemas, mapas, bibliografias, coisas que você lê, escuta, sente, olha, percebe. Podem ser úteis em momentos de bloqueio criativo. Além disso, ali provavelmente tem material para desencadear um novo poema ou uma história, um personagem, sabe-se lá.

4. Lembre-se sempre da frase de Robert Graves: “Não se ganha dinheiro com poesia, mas também não se ganha poesia com dinheiro”. Seja teimoso e não desista.

5. Escreva e deixe visível na parede, num pedaço de papel, a frase: *Poesia não é prosa empilhada em linhas cortadas aleatoriamente.*

6. Anote seus sonhos, se os tiver. Quando acordado, mantenha os sentidos sempre bem abertos. Esteja aberto para a poesia.



7. Aprenda outra (s) língua (s). Nem que seja o bastante para praticar a tradução de poemas que você adorou e gostaria de recuperar de alguma forma, em sua língua, aquele momento privilegiado de criação. Tradução como exercício de alteridades, de outras vozes e estilos. Encare a tradução de poemas e poetas como uma pequena academia de ginástica poética ou laboratório textual.

8. Esta é a mais importante. Leia. Muito. Poesia (se essa for sua praia),

mas não apenas. Todo dia, se possível. Poesia de qualidade, de vários períodos diferentes, de várias tendências, culturas, países. Não há um grande poeta ou escritor que não tenha sido também um grande leitor. Leia de tudo.

9. Escolha uma forma fixa (existem inúmeras) e escreva seguindo a restrição que ela impõe e / ou a estética que propõe. Isso fará com que você tenha de usar toda a sua imaginação e talento. Essa restrição pode ressaltar, paradoxalmente, numa liberda-

de, e surpreender você. Sempre esteja aberto a desafios.

10. *Inspire experiência, expire poesia* (Muriel Rukeyser).

---

**RODRIGO GARCIA LOPES** é poeta, compositor, romancista e tradutor (de Arthur Rimbaud, Walt Whitman, Sylvia Plath, Laura Riding e Marcial, entre outros). Publicou seis livros de poemas: *Solarium* (1994), *visibilia* (1996), *Polivox* (2001), *Nômada* (2004), *Estúdio Realidade* (2013) e *Experiências Extraordinárias* (2015). Leia um poema inédito na página 32.

# cândido indica

## FILOMENA FIRMEZA

**Patrick Modiano, Cosac Naify, 2014**  
**Trad.: Flávia Verella**

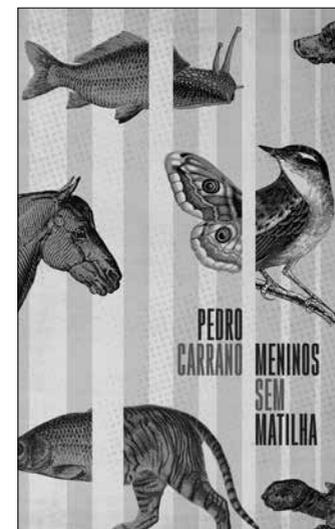
Neste livro do vencedor do Nobel de Literatura de 2014, a personagem que dá nome à obra vive em Paris com o pai, Georges. A mãe, uma bailarina norte-americana, está nos Estados Unidos e aguarda o reencontro com a família. Para suprir essa falta, talvez, Filomena se apega às aulas de balé às quintas-feiras e enxerga o mundo sob duas perspectivas — de óculos, quando confronta a realidade, e sem a clareza oferecida pelas lentes, imaginando como a vida poderia ser. Ilustrações do artista francês Sempé completam o trabalho.



## MENINOS SEM MATILHA

**Pedro Carrano, Kotter, 2019**

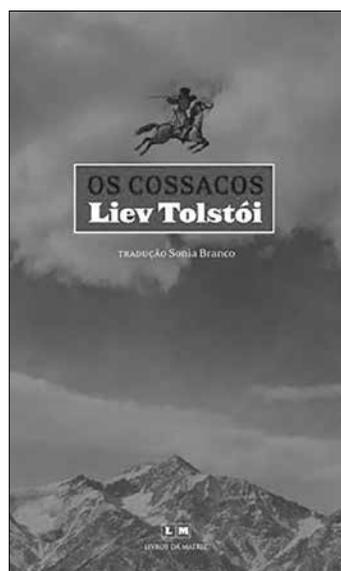
Em seu segundo livro de contos, Pedro Carrano busca unir entretenimento e densidade. Em histórias breves, o autor recria o mundo por meio de personagens verossímeis e psicologicamente complexos. Para Ivan Justen Santana, a literatura do autor “é concentrada e concisa o suficiente para atingir e nutrir a inteligência de quem ainda não sucumbiu à superficialidade e aos déficits de atenção que atualmente se impõem”.



## OS COSSACOS

**Liev Tolstói, Livros da Matriz, 2012**  
**Trad.: Sonia Branco**

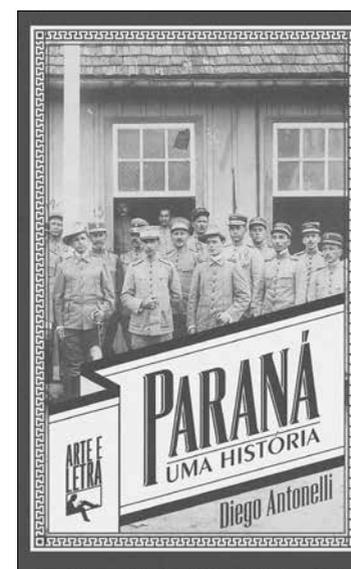
Natureza e civilização são confrontadas nesta obra de um dos mais festejados escritores russos. Quem encabeça esse embate é o oficial do exército Dmitri Oliênin, um entediado morador da cidade que está partindo para a Guerra do Cáucaso — da qual Tolstói participou. Ao se hospedar em um vilarejo às margens de um rio, o protagonista se apaixona por Mariana e a história se desenvolve a partir de inúmeras reflexões existenciais — como o sentido da vida e a natureza da felicidade.



## PARANÁ: UMA HISTÓRIA

**Diego Antonelli, Arte & Letra, 2016**

Em uma série de reportagens, dividida em três partes, o autor busca produzir uma releitura dos principais acontecimentos, muitas vezes desconhecidos, que transformaram o estado no que conhecemos hoje — e mostra por que o Paraná é um espaço ainda em construção. Segundo Renato Carneiro Jr., historiador e ex-diretor do Museu Paranaense, “seus artigos vêm ao encontro de uma grande lacuna que existe quanto à historiografia paranaense”.



**CÂNDIDO**

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**  
 Secretário da Comunicação Social e da Cultura: **João Evaristo Debiasi**  
 Diretora da Biblioteca Pública do Paraná: **Ilana Lerner**  
 Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**  
 Editor: **Omar Godoy**  
 Redator: **João Lucas Dusi**  
 Estagiário: **Luiz Felipe Cunha**  
 Projeto gráfico e design: **Thapcom**

**Colaboradores desta edição:**  
 André Caramuru Aubert, Andre Wormsbecker, Edmilson de Almeida Pereira, Helena Carnieri, Jocê Rodrigues, Jonatan Silva, José Castello, Luna Buschinelli, Rodrigo Garcia Lopes, Yuri Al'Hanati

**Redação:**  
 imprensa@bpp.pr.gov.br  
 (41) 3221-4974

Cândido pela internet:

📄 [candido.bpp.pr.gov.br](http://candido.bpp.pr.gov.br)  
 📱 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação:

📄 [bpp.pr.gov.br](http://bpp.pr.gov.br)  
 📱 [bibliotecapr](https://www.facebook.com/bibliotecapr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
 Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR  
 Horário de funcionamento  
**Segunda a sexta: 8h30 às 20h**  
**Sábado: 8h30 às 13h**

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam a opinião do jornal.

## PENSATA

A coluna abre espaço para que escritores, tradutores, jornalistas e pesquisadores reflitam sobre temas ligados à literatura, livro e leitura. Nesta edição, Yuri Al'Hanati discute a crítica literária feita no *YouTube*.

ILUSTRAÇÃO: CAROLINA VIGNA



# BASTARDOS INGLÓRIOS

YURI AL'HANATI

“A crítica de arte, eu diria, é a mais ingrata forma de escrita ‘elevada’ que conheço. Seria uma das mais desafiadoras (...) mas não estou certo de que o desafio valha a pena”, escreveu Clement Greenberg certa vez. Ele continua certo mesmo se tratarmos da coisa por outros suportes. Crítica em vídeo ou uma resenha

de livro falada, por exemplo. A mioopia de quem resolve julgar o trabalho de alguém pela plataforma e não pelo conteúdo não pode ser resolvida, mas posso ao menos mostrar esse universo ao leitor que, assim como eu há alguns anos, sequer sabia da existência do *booktube*, o segmento do YouTube

destinado a resenhas e comentários sobre livros — a forma mais ingrata de produção audiovisual que existe.

A começar pela sua não remuneração. E parece que todo esforço compreensivo para tratar desse assunto passa obrigatoriamente por questões de mercado. Não vou tratar

disso desta vez, até porque, assim como quase todos que estão nessa, não sei direito como fazer dinheiro. Como disse: ingrato.

Assim como Little Richard pariu o Sepultura, a crítica literária, o *booktube*, a revista *New York Review of Books* e o Clube do Livro das Senhoras Católicas compartilham um ancestral em comum em alguma sopa primordial que uniu liberdade de expressão, opinião crítica, apreciação estética e prazer contemplativo. Mas ainda é uma explicação insuficiente. Principalmente porque, para entendermos o que é esse fenômeno virtual, não só precisaríamos refazer todas as perguntas filosóficas fundamentais que concernem ao labor crítico, como ainda seria indispensável pensar nos muitos hibridismos que incidem no suporte escolhido. “Crítica em vídeo é crítica?”, “Crítica não especializada em vídeo é crítica?”, “Onde se cruza a linha entre crítica e comentário?”. Isso para não falar em todo debate sobre o que seja arte, sem o qual nada disso tem muito sentido. É muita interrogação para pouca maiêutica, eu diria, e talvez algum intrépido queira um dia definir tais arestas em uma monografia que seria fatalmente lida apenas pelo orientador. Mas nem isso poderia durar muito. É tudo muito dinâmico e a parte realmente interessada — o público consumidor — não dá a mínima para essas questões. A questão principal para o espectador de *YouTube* e para leitores da *NYRB*, à exceção de meia dúzia de “novaiorquines”, ainda é a ponte entre a arte e o consumo. O livro certo para a pessoa certa.

Entrei no *YouTube* para fazer vídeos sobre livros em 2014, diante da sugestão de uma amiga e alheio à existência de uma “cena”. Antes disso, havia passado quatro anos escrevendo regularmente em um *blog* e o alcance não foi, nem de longe, o mesmo no *YouTube*. Percebi que o exercício é abrangente e popular por vários motivos. Poderia listar, entre eles, o vácuo de identificação deixado entre a crítica acadêmica e a resenha jornalística, a passividade da recepção do espectador habituado ao *multitasking*, o fracionamento e, por conseguinte, a decrescente importância da arte especializada na vida do cidadão médio e a erosão das esferas disciplinares que a relação individual da internet, a precarização do trabalho jornalístico e o mal-estar difuso de nosso tempo proporcionaram. Por um lado, nem todo mundo tem a gana para ler Otto Maria Carpeaux. Por outro lado, quantos Otto Maria Carpeaux nasceram nos últimos cem anos no Brasil? Eu respondo: nenhum, ele nasceu em Viena. E há mais de cem anos.

A comunidade de pessoas que se dedica a produzir esse formato se mistura entre leitores interessados, leitores esforçados, notórios acadêmicos, professores,

jornalistas e demais desajustados alimentados pelas páginas. E o perfil consumidor é exatamente o mesmo. Todos têm, em comum, a mesma necessidade dos escritores de tatear amizades na aridez humana. Os livros e os vídeos sobre livros são, em essência, a mesma coisa: garrafas lançadas ao mar, cartas enviadas a um destinatário que, esperamos, estabeleça um diálogo com nossa produção a partir de uma paixão em comum.

Com isso, não digo que o meio não tenha problemas. Tem, e muitos. Um observador que transite por círculos artísticos há algum tempo não achará nada de muito surpreendente: a sempre presente promiscuidade entre agentes artísticos e mídia, o entrave entre a turma do coração e a turma do dinheiro, a fragilidade dos egos e a difícil arte de manobrar retroescavadeiras em ruas estreitas — arrisco dizer que, no Brasil, o número de artistas que entendem o que é a crítica é igual ao número de críticos que entendem o que é a crítica, e essas duas cifras podem ser somadas com dedos. De novo, nem queira estender essas questões ao *booktube*.

#### PROCURE SUA TURMA

Os benefícios, entretanto, superaram em muito os vícios do meio. A possibilidade de subverter a agenda do chamado campo literário, para começar, é um belo tapa na cara de todo mundo que hoje finge nunca ter lido Bourdieu. Ainda mais se considerarmos a crescente fragmentação do mercado e a proliferação de tenazes editoras dispostas a garimpar verdadeiras pérolas deixadas para trás pelos tubarões da indústria. A escritora Buchi Emecheta foi um sucesso de público e de crítica não especializada, ainda que nem uma única resenha tenha saído na grande imprensa; fazer a coisa do seu jeito, li-

vre de liturgias acadêmicas ou jornalísticas, é experimentar sempre e cada vez mais com a forma da crítica ou do comentário

Fale sobre Orwell se filmando com um pau de *selfie*. Comente *As Portas da Percepção* louco de ácido. Mate e coma uma barata ao final de uma leitura comparada entre *A Metamorfose* e *A Paixão Segundo G.H.* É o *YouTube*, afinal, o lazareto de todos os perdedores até que se prove o contrário; mas, acima de tudo, obedecer ao delicado xingamento de ir procurar a sua turma e, de fato, encontrar, é o denominador comum a todos que participam desse experimento, por distinta que sejam as origens. Alguém há de encontrar nossa garrafa lançada ao mar.

Construir o próprio império de poeira a partir de poucos elementos parece uma tarefa infrutífera e mecedora do riso hipócrita de cães velhos que sempre dependeram de apadrinhamento. No *booktube* não existe essa lógica. Todos estão nus e inevitavelmente sozinhos. O que salva é sempre a literatura e a rede de proteção que seus agentes, por mais que quebrem o pau, usam para salvar uns aos outros. O pioneirismo é sempre desorganizado, assustador e meio sem rumo. Pobre de quem não vê que isso é também a vida. A arte intensifica a vida, e falar sobre a arte põe cores e ordem no viver como uma dose cavalari de DMT. Sorte a nossa, porque DMT é meio difícil de achar por aí. A menos que você seja do Santo Daime. ■

---

**YURI AL'HANATI** é autor do livro de crônicas *Bula para Uma Vida Inadequada* (2019) e criador do canal literário *Livrada!*, com mais de 40 mil inscritos. Vive em Curitiba (PR).

CAPA

# CLARICE NO DESERTO

O escritor e crítico literário José Castello relata a história de sua paixão pela obra de Clarice Lispector, que no próximo mês de dezembro completaria cem anos

JOSÉ CASTELLO

O calendário retrocede 50 anos. Tenho 19 anos de idade, ainda moro com meus pais. Sinto-me vazio, o espírito murcho, em busca de alguma coisa que não sei o que é. Na pequena biblioteca de minha irmã Sandra, esbarro, por acaso, com um exemplar da primeira edição de *A Paixão Segundo G.H.*, romance que Clarice Lispector publicou em 1964.

O exemplar — rodado pela Editora do Autor e que traz marcado o número 0240 —, meio século depois, continua ao meu lado. Agora mesmo eu o observo, eu o apalpo e, só com grandes dificuldades e até alguma repulsa, eu o abro. Na época, a capa rosa me espantava por outro motivo: prisioneiro de um clichê, eu julgava se tratar de um livro “para moças”. Mesmo assim, ou talvez por isso, eu o peguei para ler.

Agarrado ao livro, chego ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde tinha o hábito de me refugiar. Ali, entre as árvores imensas, eu me escondia da realidade humana e voltava a uma natureza selvagem, arcaica, inumana. Voltava ao início de tudo, na esperança de, enfim, encontrar um sentido.

Não sabia disso, mas, avançando pelas alamedas do jardim, eu corria o risco de encontrar a própria Clarice Lispector, que também era apaixonada pelo Botânico. Em “Amor”, conto publicado em 1960 no livro *Laços de Família*, Clarice relata a experiência de Ana que, depois de se assombrar com a figura de um cego — um semblante que a desorganizou e quase enlouqueceu —, refugia-se, ela também, no Jardim Botânico.

Relata Clarice: “Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber”. Sem que eu já soubesse disso, naquele livro — que eu carregava como se fosse uma bomba — alguma



coisa se preparava. O livro *G.H.* também era uma cilada.

Nunca encontrei Clarice — ou, se cruzei com ela, não a reconheci. O que ela pensaria daquele jovem tonto agarrado a seu *G.H.*? Também a mim — como um cego que, de repente, nos devassa —, seu livro enlouqueceu. Não conseguia parar de lê-lo, avançava e voltava algumas páginas, anotava sem parar. Quando o terminei, nem cheguei a decidir: eu o li, logo em seguida, pela segunda vez.

Ao terminar a segunda leitura, em um fim de tarde em que o jardim

foi devastado por uma tempestade, uma febre começou a se apossar de mim. Cheguei de volta em casa com as roupas encharcadas — e atribuí a febre à chuva. Durante a noite, pio-rei. Meus pais viajavam — minha avó Iracema tratou de cuidar de mim.

Aflita, ela decidiu chamar um médico, doutor Wangler, nunca vou esquecer seu nome. Um senhor silencioso, de cabelos brancos, que me examinou com cautela e paciência. Ao fim, disse para minha avó: “A senhora não se preocupe não. É só uma paixonite”.



ILUSTRAÇÃO: CAROLINA VIGNA

Nunca me esquecerei desse médico que, com seu precário estetoscópio, “lera” em meu corpo o livro que eu terminara de devorar. A paixão agora estava dentro de mim. Ela explodia em febre. De certo modo, agora eu “era” G.H.

Assim que melhorei, li *Água Viva*. E depois os contos de *Laços de Família*, onde encontrei “Amor” e o Jardim Botânico de Clarice. O tempo se passava e eu continuava a carregar aquele primeiro livro em meu interior. Até hoje — como uma pedra amarrada ao peito — eu o carrego.

#### TELEFONEMA

Copacabana, novembro de 1974: aos 23 anos de idade, ainda me iniciando na profissão de jornalista, começo secretamente a ensaiar, também eu, alguns textos de ficção. Textos sofríveis, deploráveis, em que avanço em ritmo hesitante, sem ter certeza do que quero.

Há, ainda nesse momento, um livro que não consigo largar: o mesmo livro, *A Paixão Segundo G.H.* Tentando atar as duas experiências, tomo coragem e envio um dos contos que acabo de escrever, que não chega a ser mais

que uma confissão inocente, para o apartamento de Clarice, no Leme.

Vésperas de Natal: o telefone toca e uma voz arranhada, grave, se identifica: “Clarrrrrice Lispectorrrr”, eu ouço. Custo a acreditar. “Estou telefonando para falar de seu conto”, ela continua. “Só tenho uma coisa para lhe dizer: você é um homem muito medroso. E com medo ninguém escreve.”

O silêncio ensurdecedor que se segue àqueles erros rascantes me faz acreditar, por instantes, que Clarice desligou sem se despedir. Pouco depois, contudo, a voz ressurge: “Se você quer escrever, livre-se do medo”.

O telefonema não chega a durar um minuto, mas deixa em mim sequelas íntimas que ainda hoje não digeri por completo. A voz de Clarice ainda soa em minha memória. Ainda se agita em meus nervos.

#### ENTREVISTA

Maio de 1976. Na redação de *O Globo*, jornal com o qual colaboro, espalha-se o boato de que Clarice Lispector decidiu nunca mais dar entrevistas. A notícia é motivo suficiente para que o periódico me encomende uma entrevista com a escritora. Telefone para ela. Para minha surpresa, Clarice aceita me receber.

Mas, quando chego, o porteiro me diz: “Dona Clarice não está”. Insisto que tenho uma hora marcada, que deve haver algum engano. Talvez comovido com minha perplexidade, ele admite: “Dona Clarice está, mas me pediu para dizer que não”.

Ainda assim, o porteiro liga para o apartamento da escritora. Novo contrassenso: sem discutir, Clarice autoriza minha subida. Recebe-me com a face azulada, translúcida, de quem se move em outra esfera do real. Para minha surpresa, diz: “Então você é o autor daquele conto”. Respondo, envaidecido, que sim. Ela me fulmina: “Não gostei. Quem tem medo não deve escrever”.

Tento me recuperar do golpe voltando ao papel de repórter. Tiro de minha pasta um pequeno gravador com que pretendo registrar a entrevista e o coloco sobre a mesa de centro. Assim que vê o gravador, Clarice começa a gritar. Emite vagidos longos, lamentos despidos de sentido, e só posso entender, entre eles, uma palavra: “Não”. Meus olhos percorrem a sala em busca da sombra que a ameaça. Não a encontro.

“Dê-me isso imediatamente”, ela diz finalmente, apontando para o gravador. Então é isso. Uma mulher, que desconheço, surge na sala e a abraça com força. Só então Clarice deixa de gritar. Depois, ela pega o gravador e desaparece na penumbra do corredor. Quando volta, é outra mulher.

## CAPA

“Tranquei-o no armário”, diz, exibindo, com um sorriso malvado, a chave. “Na saída, eu o devolvo.” Resta-me puxar um bloco de anotações. A entrevista é tensa, cheia de suspeitas e mal-entendidos. Ainda sem poder pensar, eu lhe faço perguntas de iniciante. “Por que você escreve?”, questiono. Ela se ergue e diz: “Vou lhe responder com outra pergunta: por que você bebe água?”

Encerrada a entrevista, para minha surpresa, Clarice me leva à cozinha e oferece uma fatia de bolo com Coca-Cola. Fala sobre a vida, fala sobre nada. Depois vai até o quarto e me traz o gravador.

Volto a visitá-la por três ou quatro vezes. São encontros doces, em que ela fala sem pressa e, de vez em quando, se perde em grandes silêncios.

Tempos depois, Clarice cai gravemente doente. É internada. Planejo visitá-la no Hospital da Lagoa. “Não me deixarão entrar”, penso. Nem sei se pode receber visitas. Ela está certa: o medo me comanda.

Dezembro de 1977: Clarice morre. Pego um ônibus e atravesso o verão do Rio até o cemitério israelita do Caju. O caixão está fechado. Clarice não morreu, é o que isso me diz. Vão enterrar um caixão vazio.

O tempo salta.

**BRUXARIA**

Julho de 1991. Em um bar do Leblon, tomo um uísque com o escritor Otto Lara Resende, que me passa preciosas informações para minha biografia de Vinicius de Moraes. Vinicius nos leva fatalmente às mulheres e, entre tantas, chegamos a Clarice Lispector.

Quando pronuncio pela primeira vez o nome de Clarice, Otto respira fundo, como se algo o arrastasse para longe dali e devesse se concentrar para não se perder, e depois me diz: “Você deve tomar cuidado com Clarice. Ela não faz literatura, mas bruxaria”.

A declaração, pronunciada pelo cético Otto, toma uma dimensão grave. É verdade que, desde muito tempo, Clarice tem sua imagem associada à feitiçaria. No início dos anos 1970, ela chegou a participar de um Congresso de Bruxaria realizado em Santafé de Bogotá.

Otto ainda pronuncia um segundo nome de mulher: Claire Varin. Trata-se de uma canadense de Montreal, professora de literatura, que tem dois livros sobre Clarice editados no Quebec. Otto me oferece o endereço de Claire, mas me adverte: “Não é só uma paixão intelectual, é uma possessão. Claire está possuída por Clarice”.

Curitiba, dezembro de 1995. Recebo pelo correio um

exemplar de *Langues de Feu* (*Línguas de Fogo*), coletânea de ensaios sobre Clarice Lispector assinada por Claire Varin. Sem nenhuma esperança, lhe envie um cartão falando a respeito de meu interesse por seu trabalho. Agora o livro chega para conduzir nosso encontro.

Claire é doutora em Letras. Seus livros, porém, não são obra de uma especialista, mas de uma apaixonada. Decido telefonar-lhe para agradecer. Ela me atende com entusiasmo. Conversamos por mais de uma hora com a intimidade de duas pessoas estranhas, de hemisférios opostos que, no entanto, compartilham o mesmo mistério.

A certo ponto, Claire — em seu nome só falta um “c” para que ela se transforme em Clarice! — rememora a frase terrível de Otto, que ela também ouviu: “Tome cuidado com ela. Não se trata de literatura, mas de bruxaria”.

A partir dessa frase, Claire desenvolveu o que chama de “método telepático”. O princípio que segue é tão singelo quanto desnordeante: só é possível ler Clarice Lispector tomando seu lugar — *sendo* Clarice. Não há alternativa, ela me diz.

Pergunto se tal método pode, de fato, funcionar. Claire me responde lendo um trecho de uma crônica de Clarice. Vale reproduzi-lo: “O personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor”.

Claire Varin se bate ferozmente contra as interpretações racionais da obra de Clarice. Afirmo que elas só podem conduzir ao que lhe é estranho, e logo ao fracasso. “O leitor deve se tornar um médium, para que Clarice se incorpore”, afirma. “Pode soar falso, mas é o único caminho.”



Ainda tento resistir às ideias de Claire Varin. “Parecem tomadas de um manual de esoterismo”, me digo. Mas tudo me leva na direção oposta. Diante do real, meu pensamento se esfarela. O método de Claire, devo admitir, já age sobre mim.

REPRODUÇÃO



nonono nono  
nonon no nonono  
nono non on o

### ESTADO AMBÍGUO

Em *Langues de Feu*, Claire cita um trecho de uma carta que Otto escreveu, anos antes, para Clarice. “É engraçado como você me atinge e me enriquece ao mesmo tempo que me faz um certo mal, me faz sentir me-

nos sólido e seguro”, ele diz.

Otto descreve com exatidão o estado ambíguo em que os leitores de Clarice Lispector são jogados. A fronteira entre sujeito e objeto se rompe. O leitor entra no livro; se encontra nele, e também se perde nele.

Quando se trata de Clarice, os críticos repetem sempre uma palavra: epifania. Termo roubado das religiões, que se refere à aparição ou manifestação do divino. Clarice, porém, não falava em um deus, mas no *it* — isto é, a coisa. Os críticos logo

passaram a associá-la à fenomenologia. Passaram a dizer que Clarice Lispector escreveu “romances filosóficos”. Pode ser uma saída, mas não sei se é uma solução.

Há uma senhora em Paris, Hélène Cixous, que afirma textualmente: “Clarice é uma autora filosófica. Ela pensa e nós não temos o hábito de pensar”. Confrontando o comentário de Hélène com o de Claire, fico pensando quantas Clarices cabem em uma só mulher.

### PAIXÃO DO LEITOR

Porto Alegre, agosto de 1995: caminhando pela rua da Praia, o escritor Caio Fernando Abreu me relata seus encontros com Clarice, de quem é leitor voraz. Quando se viam, Clarice repetia: “Você é o meu Quixote, o meu Quixote”.

Um dia, descendo a mesma rua da Praia, os dois pararam para tomar um café. Com ar casual, Clarice se voltou para ele e perguntou: “Em que cidade estamos mesmo”?

Caio me diz que se acostumou, logo, com a intimidade espantosa que Clarice tinha com a imprecisão. Estado de conexão com as pulsações que cercam os fatos, e não com os fatos. Leu-a, ininterruptamente, durante anos a fio. Um dia, porém, se sentiu obrigado a parar. “Se não parasse, eu não conseguiria mais escrever”, diz.

Relembro da frase de Claire: quando um leitor se apaixona por um escritor, o leitor se torna o escritor. O idealismo exasperado de Caio, seu gosto pelo exagero (além de seu rosto magro e sua barba sempre por fazer) levaram Clarice a ver nele ninguém menos que o Quixote — e, em consequência, o Cervantes. Mas, quando se olhava no espelho, Caio sempre tinha medo de ver Clarice Lispector.

## CAPA

**DESTERRADA**

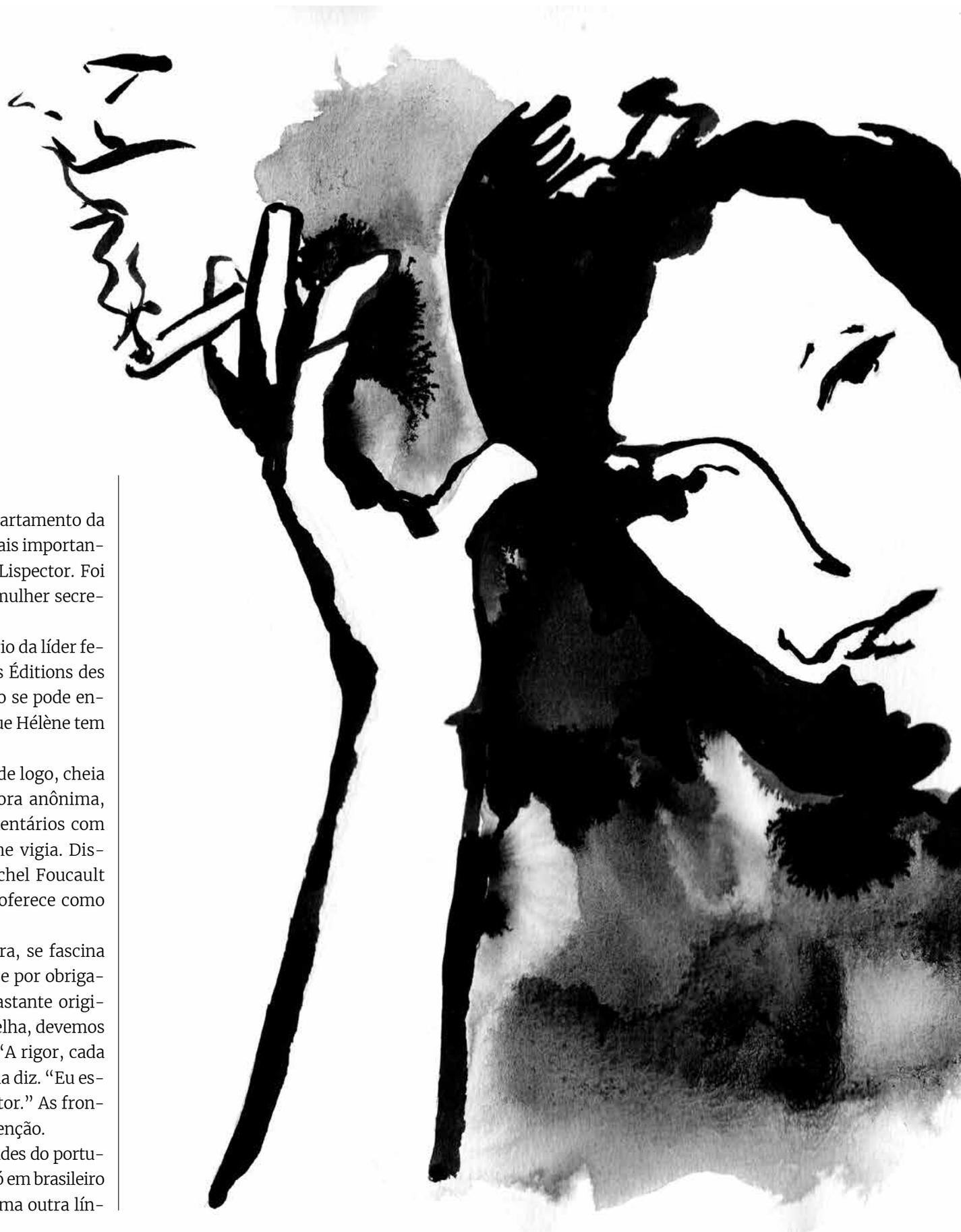
Paris, setembro de 1996. Chego ao apartamento da escritora Hélène Cixous, apontada como a mais importante especialista europeia na obra de Clarice Lispector. Foi uma negociação difícil, pois Hélène é uma mulher secreta e desconfiada.

Primeiro, precisei passar pelo escritório da líder feminista Antoinette Fouque, proprietária das Éditions des Femmes, que edita Clarice em francês. “Não se pode entender Clarice Lispector sem antes ouvir o que Hélène tem a dizer”, Antoinette me garante.

Pago para ver. Hélène se mostra, desde logo, cheia de melindres. Tem a seu lado uma assessora anônima, que lhe passa documentos, pontua os comentários com informações objetivas e, discretamente, me vigia. Discípula de Jacques Lacan, confidente de Michel Foucault e amiga íntima de Jacques Derrida, ela se oferece como uma difícil esperança.

Pergunto-lhe por que a Europa, agora, se fascina por Clarice. Sem me encarar, como se falasse por obrigação, Hélène Cixous me oferece uma tese bastante original. Para entender o que se passa, me aconselha, devemos primeiro descartar as ilusões da geografia. “A rigor, cada escritor escreve em sua língua particular”, ela diz. “Eu escrevo em Cixous. Clarice escrevia em Lispector.” As fronteiras linguísticas não passam de uma convenção.

Hélène destaca, ainda, as particularidades do português falado no Brasil, que estudou a fundo. “Só em brasileiro se pode escrever uma frase assim: *É*. Nenhuma outra lín-



incômoda: a de que Clarice é o mais importante escritor do século 1920. Sua obra, ela diz, só pode ser comparada à de Kafka. Para pensar Clarice, Hélène insiste, Franz Kafka, o sem pátria, é a melhor referência. Clarice terminou de escrever seu segundo livro, *O Lustre*, em Nápoles. O terceiro, *A Cidade Sitiada*, foi escrito em Berna. Escreveu muitos contos de *Laços de Família* durante a temporada que passou em Londres. *A Maçã no Escuro* foi escrito em Washington, entre 1953 e 54. Também nela estão nítidas as marcas do desterro. Clarice, a desterrada, habitava o Lispector.

Quando tinha 9 anos de idade, Clarice perdeu a mãe e com isso a voz estrangeira que a habitava. Dizia que seus longos “rrrr” eram um efeito da língua presa. Talvez não fossem apenas isso.

Mas suas dificuldades com a língua eram embaraçosas — e sua grandeza como escritora vem dessa repugnância. Só uma pessoa que não se adapta à língua, que a revira, que dela desconfia pode escrever uma obra como a de Clarice.

#### REENCONTRO

Curitiba, setembro de 1997. Tomo um ônibus e me sento por acaso ao lado de uma moça que lê *G.H.* Espreito suas reações. As páginas abertas trazem anotações, garranchos, riscos vermelhos. A lombada está torta e a capa, amassada. O ritmo de leitura é curioso: a moça dá saltos de uma página à seguinte, e de volta à anterior, sem conseguir avançar. Parece imobilizada pelo que lê. Clarice diria: ela é o que ela lê.

A desconhecida que tenho a meu lado, a face caída sobre o livro aberto, vive uma metamorfose. Ela agora é Clarice. Procuo em sua valise, sem achar, as iniciais: “G.H.”. Não é preciso. Andei tanto tempo procurando por Clarice Lispector e agora eu a tenho bem ao meu lado.

Dois mil e vinte: aos 69 anos, volto a olhar para meu velho exemplar de *A Paixão Segundo G.H.* O tempo e as leituras o roeram, a capa amoleceu e, para salvá-lo, eu o emendei com tiras de fita crepe.

Quatro anos antes, em Cuiabá, como em um novo golpe de feitiçaria, o livro me voltou pela segunda vez. Não o exemplar 0240 — que nunca abando-

nei —, mas o de número 3203, que ganhei de presente de meu jovem amigo, o poeta Juliano Moreno.

Em sua dedicatória, Juliano diz: “Feito uma relíquia medieval, este livro aguardava ao acaso na minha estante, esperando. Agora, levo-o ao seu encontro”. O livro, que sempre esteve comigo, mais uma vez volta a mim.

Até hoje, continuo perplexo diante desse segundo retorno. Folheio a obra em busca de alguma pista, algum esboço de explicação.

Até que, no alto da página 135, encontro duas linhas sublinhadas. Dizem: “Eu fora obrigada a entrar no deserto para saber com horror que o deserto é vivo”.

Ouso avançar, um pouco mais, com a frase de Clarice: trêmulo e desamparado, atravessei sozinho o deserto de *G.H.* para entender, por fim, que o deserto sou eu. ■

---

**JOSÉ CASTELLO** é escritor, jornalista e crítico literário. Publicou, entre outros livros, o romance *Ribamar* (2010), o perfil *João Cabral de Melo Neto: O Homem sem Alma* (1996) e a biografia *Vinicius de Moraes: O Poeta da Paixão* (1993). Mantém uma coluna mensal no jornal literário *Rascunho*.

gua tem esse poder de síntese.” Clarice, que nasceu na Ucrânia e chegou ao Recife ainda pequena, pôde fazer uma escuta diferente do brasileiro.

Depois, ela me deixa com uma declaração que me parece bastante

## ENTREVISTA

## AS MUITAS CLARICES

Uma conversa com a escritora e ensaísta carioca Vilma Arêas, autora do livro *Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos*

JONATAN SILVA

Clarice Lispector (1920-1977) foi uma esfinge. Do seu nascimento na pequena cidade ucraniana de Chechelnyk — um vilarejo cuja população não chega a 10 mil pessoas — até sua morte, vítima de um câncer diagnosticado em estágio avançadíssimo e intratável, a escritora viveu envolta em uma espécie de mistério particular: uma névoa que cultivava com uma obra impecável e vasta.

A literatura de Clarice, por sinal, parece ser o epíteto de sua própria geração. Seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem* (1943), escrito quando tinha apenas 20 anos, romperia com a tradição regionalista que tomava conta da literatura brasileira naquele momento, na figura de escritores como Erico Verssimo (1905-1975), José Lins do Rego (1901-1957), Rachel de Queiroz (1910-2003) e Jorge Amado (1912-2001).

A escritora buscava nas cenas cotidianas, recheadas de metáforas, a composição para uma narrativa intrincada e intimista, alcançando o ápice na famosa cena de *A Paixão Segundo G.H.* (1964), em que a nar-

radora — enquanto limpa o quarto da empregada recém-dispensada — devora uma barata. O gesto, entre o banal e o grotesco, é a chave para um romance monumental e também para a consolidação da escritora como uma mulher hermética, autora de livros insondáveis.

Para celebrar o centenário de Clarice Lispector, o *Cândido* conversou com a escritora, ensaísta e ex-professora da Unicamp Vilma Arêas, autora de *Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos* (2005), obra vencedora do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Se para uns tantos a literatura da autora de *Felicidade Clandestina* (1971) se resume a uma evocação feminista, na visão da pesquisadora Clarice é universal. “Ela escreve sobre mulheres, sobre homens, sobre bichos, também sobre os deserdados sociais”, explica.

Existe, em verdade, uma escritora para além dos mitos e dos rótulos. Como Fernando Pessoa (1888-1935) — um homem de muitos eus —, Clarice — uma mulher que também guardava muitas versões de si mesma — foi acometida pelo mal de ser mais adorada que lida. Essa questão esbarra em um fenômeno tecnológico: as frases atribuídas à autora e que pululam na internet. Ao mesmo tempo, foi (re)descoberta no exterior graças à polêmica biografia Clarice,, escrita pelo historiador Benjamin Moser. “Achei o livro equivocado nas análises e no desejo claro de furo jornalístico para impactar”, comentou Vilma. Leia a seguir.

**Clarice Lispector sempre retratou o universo feminino de uma maneira ímpar: explorou as dores da maternidade, as agruras do casamento e o silêncio da solidão da mulher em uma sociedade estruturalmente machista. Como sua obra pode ser interpretada à luz das lutas atuais das mulheres? Seria um possível diálogo com os nossos dias que ainda torna o universo clariceano tão fascinante e relevante?**

Penso que é equivocado pregar o rótulo de “feminista” na obra de Clarice Lispector. Com uma formação nada ortodoxa (trabalho precoce, curso de Direito — queria reformar os presídios —, leituras misturadas, etc), Clarice desenvolveu um estilo muito original, seguindo a própria intuição na busca de seu processo criativo. Também foi impulsionada pelo talento, que ninguém explica direito o que seja. Ela escreve sobre mulheres, sobre homens, sobre bichos, também sobre os deserdados sociais. Escreve muito sobre o escrever, isto é, escreve suas tentativas e dúvidas quanto ao que está escrevendo, como em *Perto do Coração Selvagem* (1943), *A Maçã no Escuro* (1961) e *A Hora da Estrela* (1977), em que ela se desdobra em três: Clarice Lispector, Rodrigo S.M. e Macabéa. Um bom exemplo de sua construção de personagens encontra-se em “Amor”, conto de *Laços de Família*, livro de 1952, ampliado na publicação de 1960. Ana, a protagonista, casada, com filhos, vida absolutamente regrada, pois ela tudo controla e administra, uma tarde vê um cego mascando chicletes. Ele parecia automático, com

a mastigação sorria e parava de sorrir, sorria e parava de sorrir. Certamente Ana viu-se retratada nele, no movimento que imprimiu à própria vida, por temperamento e por desejar apagar a “paixão de viver”. Vale a pena ler o conto e pensar sobre suas questões, longe dos rótulos.

**Em Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos, a senhora diz: “Ninguém duvida de que nos dias de hoje haja tantas Clarices quanto se queira”. Essa frase me parece interpretar — ou prever — o uso do nome da autora de maneira indiscriminada, atribuindo a ela coisas que jamais disse. A senhora já chegou a dizer que Clarice, assim como Pessoa, foi transformada em santa, muito mais adorada que lida. Como essas muitas Clarices — a verdadeira, aquela que está nos livros, entrevistas, cartas, etc., e a recriada — entrelaçam-se para difundir a obra da escritora? Quais os perigos desse movimento apócrifo envolvendo grandes nomes da literatura?**

Antonio Candido dizia: “Ler é re-ler”. Em relação a Clarice, porque viu-se santa, hoje em dia as pessoas já chegam para adorar antes de ler. Sem atenção, sem avaliação. Esse processo de santificação vem de longe, antes dos anos 1970, quando uma editora francesa “descobriu” Clarice, colocando-a no grupo feminista. Mas há outra pesquisadora estrangeira mais interessante, como Claire Varin, canadense que veio ao Brasil, aprendeu português, investigou e escreveu dois livros nos anos 1990, que foram traduzidos entre nós.

**A senhora costuma dizer que não se sente escritora. A Clarice afirmava o mesmo, que não era profissional, que escrevia apenas quando queria. Isso, em alguma medida, parece refletir o descaso da sociedade para com a figura do artista. Por que uma escritora do calibre de Clarice Lispector não conseguia se enxergar como tal? E no seu caso, o que ainda falta para mudar essa percepção de si mesma?**

Acho que é uma sorte quando se faz arte sem precisar ganhar a vida com ela, porque ficamos independentes, podemos escrever quando desejamos, sem datas. Escrever e reescrever. Mas isso não é uma lei geral.

**Clarice, — biografia escrita por Benjamin Moser e considerada por muitos como “definitiva” — retrata a escritora como uma figura mística, uma mulher distante da realidade. Como é possível trazê-la novamente para um campo “mais humano”, mais próximo, inclusive, do leitor?**

Sinto muito, tentei ler Benjamin Moser, mas não consegui. Achei o livro equivocado nas análises e no desejo claro de furo jornalístico para impactar. Uma chatice, bastante oportunista.

**Ainda sobre o livro de Moser, em uma passagem polêmica, o biógrafo cria um relato desdenhoso de Maria Carolina de Jesus e coloca Clarice como uma mulher “proverbialmente linda”. Que leitura a senhora faz dessa passagem?**

Não posso responder. Pelo que você diz, deve ser um terror.

**A despeito de todos os problemas encontrados em Clarice,, seria correto dizer que, ao menos, o livro serviu para projetar Clarice para o público estrangeiro?**

E qual é a vantagem de ser conhecida dessa maneira? Bom, gera lucro para pessoas que realmente não precisam de dinheiro.



Clarice Lispector desenvolveu um estilo muito original, seguindo a própria intuição na busca de seu processo criativo

## ENTREVISTA

**As reações ao assassinato recente de George Floyd — homem negro asfixiado por policiais nos EUA — faz lembrar da indignação de Clarice diante da morte de Mineirinho, assassinado com 13 tiros pela polícia do Rio de Janeiro. Para além do experimentalismo linguístico e do olhar sobre o feminino, na sua opinião, como a literatura de Clarice Lispector lida com as questões sociais e as feridas históricas brasileiras?**

Não precisamos de George Floyd para nos horrorizar com a matança de inocentes ou de pobres, principalmente negros. O Brasil é um dos países em que a polícia mais assassina e é estimulada para isso por governantes paranoicos ou simplesmente cruéis. Era preciso fazer um movimento de repulsa dessa situação aqui, mas o racismo brasileiro é muitíssimo entranhado. Para uma análise do texto “Mineirinho”, aconselho o livro de Yudith Rosenbaum, *Metamorfoses do Mal*, publicado pela Edusp/Fapesp.

**Lendo a obra da escritora italiana Elena Ferrante é possível perceber algumas questões que se cruzam, temas que dialogam e olhares comuns sobre questões cotidianas. Como a senhora percebe essa intersecção entre as duas autoras?**

Acho que são completamente diferentes, basta observar a construção do texto e a intenção literária de ambas.

**A polêmica envolvendo a escolha de Elizabeth Bishop como homenageada da Flip trouxe à tona a relação da poeta norte-americana com a autora de *A Hora da Estrela*. Bishop chegou a traduzir alguns textos de Clarice, tentou se aproximar, mas a amizade não vingou. Que leitura a senhora faz desses episódios?**

De novo, elas são muito diferentes, tanto que “a amizade não vingou”.

**A respeito da questão de influência de Clarice Lispector sobre os autores contemporâneos: até que ponto essa não é uma herança maldita, que prende o escritor a algo que, de tão poderoso, acaba por aprisioná-lo?**

Não concordo com a “herança maldita” e não vejo influência da Clarice em autores contemporâneos, embora não os conheça todos. Estão escrevendo muito agora, pela facilidade de impressão, e acho isso bom. Mas “herdar” procedimentos é outra coisa. Acho difícil isso



acontecer pela complexidade das questões formais inventadas, conscientemente ou não, pela autora de *A Hora da Estrela*.

**Quando da publicação de *A Hora da Estrela*, a senhora visitou a escritora no hospital. Ao dizer que achava o livro uma obra-prima, Clarice dis-**

**se: “tanta gente está gostando que não pode prestar”. Clarice acreditava mesmo que a literatura deveria ser um instrumento hermético, algo distante do grande público?**

Não creio que o problema tenha sido a defesa do hermetismo ou do afastamento do grande público. Quem não gosta de ser admirado? Mas de-

REPRODUÇÃO



nonono nono  
nonon nononono  
nono non on o

pende, não é? O que você sentiria se um de nossos ministros atuais elogiasse um livro seu? Pensaria em se matar de vergonha, não? Ela talvez tenha achado que tinha escrito um livro muito particular, um verdadeiro testamento à hora da morte, centrado em uma pária social afogada na indecente desigualdade social brasi-

leira. Para escrevê-lo usou formas populares, português pobre contrastando com o pedantismo de Rodrigo S.M. (“na verdade Clarice Lispector”), ao mesmo de olho no Fellini de *La Strada*. Não é pouca coisa. Um livro tão triste, tão dilacerante falando do que ela julgava um grande fracasso e ao mesmo tempo tão absolutamente engraçado,

no molde das comédias clownescas! Diante de tudo isso, aquele “toda a gente está gostando” desilude.

**Quando falamos na prosa de Clarice Lispector, é impossível deixar de lado o experimentalismo que, ao mesmo tempo, tem um quê de poesia — algo bastante perceptível no conto “A Mensagem” —, ainda que a própria autora negasse qualquer inclinação pelos versos. Gostaria que a senhora comentasse sobre a ligação de ficção de Clarice com a criação poética. Que caminhos ela toma?**

É engraçado que “A Mensagem”, um conto muito problemático e mal resolvido, só foi analisado, salvo engano, por Leyla Perrone-Moisés em *Flores na Escrivantina* (Companhia das Letras) e por mim em “Une prose tentée par le grotesque e la poésie” (*Europe*, revista literária francesa), que vai sair, quando a pandemia deixar, na segunda edição de *Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos*, pela Imprensa Oficial. Uma parte importante do conto fala do desacerto de Clarice com seu livro de poesias, já pronto em 1943 — Lúcio Cardoso o anunciou e um jornal do Rio — e que ela deve ter jogado fora, porque o livro desapareceu sem deixar traço. Isto é, deixou pegadas transparentes para serem olhadas a contraluz. A partir de então, sempre negou “ter começado pela poesia”. Vingou-se, ou desabafou, em “A Mensagem”. Acho que esta é a linha principal, mas não é só isso. O conto é muito tumultuado.

**Por fim, para quem ainda não está familiarizado com Clarice Lispector, que itinerário seria possível traçar? Por onde começar?**

Ah, não sei dizer, teria de conhecer a pessoa, conversar. Talvez fosse bom começar pelos textos mais curtos ou começar pelo começo. *Perto do Coração Selvagem* é muito complexo, mas tem um arrojo e um sopro de juventude encantadores. Bom, a pessoa tem de gostar de literatura e reler sempre. “No Raiar de Clarice Lispector”, de Antonio Candido, que saudou imediatamente o livro em 1943, pode ajudar e muito. ■

---

**JONATAN SILVA** é escritor e jornalista, com passagem pelas redações da *Tribuna do Paraná* e *Paraná Online*. Foi editor da revista *Mediação*, do Colégio Medianeira, e colabora regularmente com o jornal literário *Rasquinho* e o portal *Escotilha*. É autor dos livros *O Estado das Coisas* (2015) e *Histórias Mínimas* (2019).

## REPORTAGEM

# UMA ESCRITORA NO PALCO

**O teatro adapta obras de Clarice Lispector desde os anos 1960, com destaque para peças que a retratam como personagem**

HELENA CARNIERI

Ele traduziu diversas peças, entre as quais *Hedda Gabler*, de Ibsen, em parceria com Tati Moraes, que estreou em 1965 no teatro Bela Vista, do Rio de Janeiro. Outros dramaturgos ganharam versões em português por suas mãos, como Yukio Mishima, Tchêkhov e Carson McCullers. Também incluiu um texto dramático em sua extensa obra (“A Peadora Queimada e os Anjos Harmoniosos”, que integra a coletânea de contos *A Legião Estrangeira*). Frequentava o teatro no Rio e chegou a escrever críticas nos jornais em que colaborava (sobre as reclamações contra o uso de palavrões, questionou: “Se escandaliza, por que comprar entrada?”). Se a relação de Clarice Lispector com os palcos era de um interesse vivo, a grande questão que se coloca é: como encaixar epifanias e outros acontecimentos tão íntimos típicos de sua literatura numa linguagem feita de ação?

Apesar do evidente desafio, encenadores brasileiros e estrangeiros adaptam sua obra desde os anos 1960, e sempre foi grande a tentação de representar a própria escritora entre os personagens — caso de *Perto do Cora-*

*ção Selvagem*, dirigida por Fauzi Arap em 1965, com Glauce Rocha no papel de Clarice e José Wilker no elenco.

Já “Um Sopro de Vida” (1979), de José Possi Neto, utilizava o teatro-dança, com Marilena Ansaldi em cena e ênfase nas sensações. Essas e inúmeras outras montagens são tema de pesquisa do professor de teoria literária da Universidade de Brasília André Luís Gomes, autor do livro *Em Cena — As Relações Entre Clarice Lispector e o Teatro* (2007). Ele também mantém o perfil “Clarice em Cena” no *Instagram*, uma rica fonte para os fãs da escritora.

Segundo Gomes, uma das montagens da obra clariceana de maior repercussão foi “A Paixão segundo G.H.” (2002), monólogo interpretado por Mariana Lima, com direção de Enrique Diaz e roteiro de Fauzi Arap. “Era um espetáculo intimista, para um público reduzido, e em espaços não convencionais. O espetáculo se dividia em três ambientes: o quarto de G.H. — ambiente opressivo, em que a personagem andava entre os espectadores (todos sentados em cadeiras espalhadas nesse ambiente); um corredor extremamente branco, em que o público ficava em pé encostado nas paredes enquanto G.H. chega-

va de forma estonteante perto dos espectadores; o quarto da empregada, agora num palco italiano, em que os espectadores assistiam ao encontro de G.H. com a barata”, relembra, saudoso.

O professor destaca ainda que diversas montagens “popularizaram” a autora, e outras exploraram muito bem linguagens como a música, o balé e o cinema para colocar Clarice em cena. Mas como é esse teatro em que a ação acontece para dentro? “São histórias contadas dentro das pessoas”, define o diretor curitibano Edson Bueno, que já realizou duas incursões pelos escritos clariceanos nos palcos. Na primeira, “Onde Estivestes à Noite”, de 1999, entremeou as imagens e sentimentos sugeridos por Clarice numa trama de Julio Cortázar, o que, segundo o diretor, funcionou como mágica.

Essa maestria da escritora brasileira de “se encaixar” numa trama alheia atesta seu universalismo — afinal, a estrangeiridade e, ao mesmo tempo, a profunda ligação com o Brasil sempre foram uma questão em sua vida e obra.

Obviamente, a linguagem própria da escritora, lapidada ao longo de uma vida inteira à frente da máquina de escrever, não se oferece de mão beijada aos atores. “Não se trata de um texto fácil, que remeta o leitor a lugares de compreensão imediata”, define o crítico e doutor em literatura brasileira pela USP Wellington Andrade. “O sentido parece sempre fugidio, um tanto quanto etéreo — o que pode levar a enganos — como certa aura de sentimentalismo ou misticismo.”

Diferentes encenadores brasileiros trouxeram obras de Clarice aos palcos, como José Caldas, que fez “A Vida Íntima de Laura”, em 1981, e chegou a remontá-la na França, e “A Mulher que Matou os Peixes” (1986) — a obra infanto-juvenil de Clarice também tem espaço frequente nos palcos.

## CEM ANOS

No centenário de Clarice, diversas montagens foram anunciadas no Brasil e no mundo. Uma delas, da paranaense Denise Stoklos, tem previsão de estreia para setembro, em São Paulo. *Abjeto-Sujeito: Clarice Lispector por Denise Stoklos*, da atriz e performer de Irati, foi maturada ao longo de anos. “Tudo dela revelava meu interior e dava corpo literário ao que eu sentia do mundo. Parecia que pela primeira vez alguém descrevia pra mim os sentidos e as manifestações desse mundo. O fato de ela ter ascendência ucraniana, como eu também tenho, me aproximava ainda mais, rompia um pouquinho uma longa distância, aquela que separa o grande inspirador e sua admiradora.”



Encenação da peça “Onde Estivestes à Noite”, de 1999, dirigida por Edson Bueno

Neste espetáculo, a atriz conta com o apoio do dramaturgista e crítico Wellington Andrade e do diretor Elias Andreato. A dramaturgia faz uma costura de fragmentos dos contos “A Quinta História”, “A Menor Mulher do Mundo”, “O Ovo e a Galinha”, “O Búfalo” e “Amor”; dos romances *A Paixão Segundo G.H.* e *Água Viva*; das crônicas “Vergonha de Viver” e “Perdoando Deus” e de algumas entrevistas que Clarice fez, como jornalista, com Elis Regina, Bibi Ferreira, Hélio Pelegrino, Pablo Neruda, Djanira, Marly de Oliveira e Maria Martins.

“Estamos numa busca importante e única de um estudo do que

significa na obra de Clarice o tratamento do abjeto para encaminhamento, digamos, ao sujeito, à personificação, à individualização das experiências”, conta Denise.

#### DESIGUALDADE

A denúncia das diferenças sociais no Brasil pode ser sutil em Clarice, mas está presente em toda sua obra. Esse aspecto foi priorizado em outra montagem deste ano — *A Hora da Estrela*, que o diretor André Paes Leme considerava “um desafio enorme para a cena”. O espetáculo mantém a narrativa de Clarice, mas faz uma reorganização, com “apropriação da narrativa como diálogo e, no nosso caso, uma definição de fragmentos que foram trabalhados musicalmente”, conta Paes Leme. Com músicas de Chico César na trilha, a atriz Laila Garin e elenco dão corpo a esse grito da miséria e carência afetiva que se opera em Macabéa.

“São temas atuais, perturbadores e, infelizmen-

te, neste tempo de pandemia devem ficar ainda piores”, avisa o diretor. “Esse texto é uma necessidade. É uma denúncia contundente da nossa desigualdade social e um alerta para a nossa indiferença em relação ao outro. Não houve um dia, desde que iniciei esse processo, que não senti alguma angústia quando recordava das palavras do texto. Ele é um soco no estômago. Não podemos ficar passivos diante de tanta desigualdade social. Nunca existirá uma democracia plena se não superarmos essa desigualdade. A Clarice humaniza essa realidade trágica do nosso país através da personagem Macabéa”, afirma. ■

## REPORTAGEM

CHICO NOGUEIRA



Registro da peça “Minha Vontade de ser Bicho” (2011), encenada pelo grupo Delírio, de Edson Bueno

## CURITIBA EM BUSCA DE CLARICE

Na capital paranaense, montagens sobre a escritora partiram de extensa pesquisa — como *A Hora da Estrela* (2001), de Sérgio Medeiros (2001), com Carla Berri. Apresentado em 1999, no Teatro Cleon Jacques, *Onde Estivestes de Noite* foi o primeiro espetáculo de Edson Bueno baseado na obra da escritora, elhe rendeu o Troféu Gralha Azul (concedido pelo Governo do Estado em parceria com Teatro Guaíra) de melhor diretor.

A ação interiorizada das tramas literárias clariceanas levou Bueno a experimentar um casamento inédito de Clarice com Julio Cortázar — o argentino forneceu o fio da história, por meio do conto “Fim de Jogo” (1956), enquanto os diálogos e pensamentos eram todos de Clarice. Por que o *mix*? “Porque encaixava”, diz. Apaixonado por cinema, ele compara a escrita de Clarice aos filmes de Ingmar Bergman, em que os acontecimentos mais importantes ocorrem na mente e no coração das personagens. Já em 2011, *Minha Vontade de ser Bicho* foi uma incursão profunda do grupo Delírio, liderado por Buenos, aos mistérios de Clarice, com enfoque na busca pelo lado selvagem de cada um. O estopim foi a leitura da biografia

escrita por Benjamin Moser, mas também um contato muito constante com a obra da autora e a experiência com a adaptação de obras de vários outros escritores, como Kafka e Machado de Assis.

Para o diretor, um pré-requisito para se trabalhar com Clarice é ter uma alta sensibilidade, mas também acreditar que aquele universo espiritual, de absoluta reflexão, pode ser colocado na boca do ator. “Todos do elenco precisam introjetar as imagens que o texto inspira e crer na subjetividade delas.”

Em “Minha Vontade de ser Bicho”, as atrizes Pagu Leal, Márcia Maggi e Janja interpretavam diferentes fases da vida da escritora. “Lembro de uma cena em que a Janja falava sobre liberdade. Projetamos no fundo a neve caindo — e a soma das duas coisas passou a ideia do que ela estava dizendo. É subjetivo, mas funciona dramaticamente”, conta o diretor.

A ausência de ação física grandiloquente exigiu do grupo muita pesquisa, de forma a construir a movimentação em cena. “Eram movimentos que ocorriam quase dentro do personagem, e não caminhando no espaço do palco.” ■

DIVULGAÇÃO



A atriz Rita Elmôr interpretando Lispector na peça “Que Mistérios tem Clarice?”, de 1998

## CURIOSIDADE

É do teatro que vem uma das “trivias” mais pitorescas envolvendo o culto contemporâneo a Clarice. A atriz Rita Elmôr encarnou a escritora em duas ocasiões. Na primeira, *Que Mistérios tem Clarice?* (1998), as fotografias do espetáculo (como a imagem acima) revelaram tamanha semelhança que passaram a ser usadas mundo afora como se fossem da própria escritora, seja em veículos de comunicação ou trabalhos acadêmicos. A partir dessa repercussão, ela lançou seu próprio monólogo, em 2017: *Clarice Lispector e Eu — O Mundo Não é Chato*, com direção de Rubens Camelo, e que trata de sua experiência com a pesquisa e a interpretação de Clarice. E em 2021, Rita viverá Clarice novamente, mas desta vez na Marquês de Sapucaí — onde será um destaque da escola de samba Tradição, que vai homenagear a escritora. ■



nonono nono nonon no nononono nono non on o

## Três perguntas para o professor, crítico de teatro da revista *Cult* e dramaturgista do espetáculo *Abjeto-Sujeito: Clarice Lispector* por Denise Stoklos

### Como foi sua experiência pessoal com os livros de Clarice Lispector?

Entrei em contato com a obra de Clarice Lispector aos 14 anos, em 1978, quando uma professora adotou como leitura obrigatória em um dos bimestres daquele ano o livro de contos *A Legião Estrangeira*. Fiquei bas-

tante impactado com narrativas como “A Quinta História” e “O Ovo e a Galinha”, por exemplo, embora minha pouca idade não me desse condições de compreender a fundo a obra de Clarice, somente de gostar bastante do que havia lido sem saber muito o porquê. A partir de 1987, quando ingressei no curso de Letras da USP, é que comecei a formar um repertório crítico mais consistente para entender melhor o universo da autora, uma das minhas preferidas no Brasil, ao lado de Machado de Assis e de Guimarães Rosa.

### O que a escrita dela mais interessa a você, como leitor e crítico?

A grande qualidade, a meu ver, da literatura clariceana é o trato da linguagem — uma maneira inteiramente nova de a palavra literária experimentar o tempo todo novos jeitos de expressão, sondar novos modos de subjetivação e criar mundos imaginários calcados única e exclusivamente no manejo da linguagem. Clarice é uma autora de “textos de fruição” — na acepção de Roland Barthes.

### Que oportunidades sua obra cria para o dramaturgo-adaptador?

Pensando nas conquistas do teatro contemporâneo, a melhor oportunidade é a de implodir a categoria dramática da personagem. Os textos cla-

riceanos são quase sempre discursos, não propriamente falas de *figuras psicológicas* a quem damos o estatuto de personagens de ficção. Então, o maior desafio da *performer* Denise Stoklos está sendo o de recusar encarnar essas pretensas personagens. A atriz está expressando por meio do seu corpo e de sua voz os discursos da autora — o que a leva, como a artista surpreendente e preparada que é, a investigar a fundo a potencialidade da palavra literária em cena.■

**HELENA CARNIERI** é jornalista e mestre em Estudos Literários. Escreve crônicas no blog *A Vida é Palco*, do portal *Bem Paraná*.

## POEMAS | IAN CURTIS

Seleção e tradução: André Caramuru Aubert

## EXERCISE ONE (1978)

When you're looking at life  
 In a strange new room  
 Maybe drowning soon  
 Is this the start of it all?  
 Turn on your TV  
 Turn down your pulse  
 Turn away from it all  
 It's all getting too much.

When you're looking at life  
 Deciphering scars  
 Just who fooled who  
 Sit still in their cars  
 The lights look bright  
 When you reach outside  
 Time for one last ride  
 Before the end of it all.

## EXERCÍCIO UM

Quando você olha para a vida  
 Num quarto que não conhece  
 Talvez prestes a se afogar  
 Será isso o começo de tudo?  
 Ligue sua TV  
 Desligue sua pulsação  
 Desligue-se de tudo  
 Está tudo ficando demais.

Quando você olha para a vida  
 Decifrando cicatrizes  
 Apenas quem enganou quem  
 Sentados em seus carros, imóveis  
 As luzes parecem brilhar  
 E quando você chega lá fora  
 Há tempo para uma última volta  
 Antes que tudo isso termine.

## NEW DAWN FADES (1979)

A change of speed, a change of style  
 A change of scene, with no regrets  
 A chance to watch, admire the distance  
 Still occupied, though you forget  
 Different colours, different shades  
 Over each mistakes were made  
 I took the blame  
 Directionless so plain to see  
 A loaded gun won't set you free  
 So you say

We'll share a drink and step outside  
 An angry voice and one who cried  
 "We'll give you everything and more  
 The strain's too much, can't take much more".  
 Oh, I've walked on water, run through fire  
 Can't seem to feel it any more  
 It was me, waiting for me  
 Hoping for something more  
 Me, seeing me this time, hoping for something else.

## A AURORA DESVANECE

Mudança de velocidade, mudança de estilo  
 Mudança de cena, sem arrependimento  
 Uma chance de olhar, de admirar a distância  
 Ainda ocupado, você se esquece  
 Das diferentes cores, das diferentes sombras  
 Sobre as quais os erros foram cometidos  
 Eu assumi a culpa  
 Sem rumo, tão fácil de ver  
 Um revólver carregado não te libertará  
 Assim você diz

Beberemos juntos e iremos lá pra fora  
 Uma voz irritada e uma outra que berrou  
 "Te daremos tudo e ainda mais  
 É muito esforço, não vai aguentar muito mais."  
 Oh, eu caminhei sobre a água, eu corri sobre o fogo  
 Não parece que possa mais sentir isso  
 Era eu, esperando por mim  
 Ansiando por algo mais  
 Eu, olhando para mim nesses tempos, ansiando por algo mais.



## THESE DAYS (1980)

Morning seems strange, almost out of place  
 Searched hard for you and your special ways  
 These days, these days

Spent all my time, learnt a killer's art  
 Took threats and abuse till I'd learned the part.  
 Can you stay for these days?  
 These days, these days

Used outward deception to get away  
 Broken heart romance to make it pay

These days, these days

We'll drift through it all, it's the modern age  
 Take care of it all now these debts are paid  
 Can you stay for these days?

REPRODUÇÃO



## NESSES DIAS

A manhã está esquisita, meio deslocada  
 Dei duro atrás de você e de seu jeito diferente  
 Nesses dias, nesses dias

Gastei todo o meu tempo, aprendi a arte de matar,  
 Fui ameaçado e abusado até aprender  
 Você poderia ficar por uns dias?  
 Nesses dias, nesses dias

Usei fraudes lá de fora pra escapar  
 E um romance de coração partido pra pagar

Nesses dias, nesses dias

Vagaremos através disso tudo, é a época moderna  
 Cuidaremos de tudo, já pagamos por isso  
 Você poderia ficar por uns dias?

## THE ETERNAL (1980)

Procession moves on, the shouting is over  
 Praise to the glory of loved ones now gone  
 Talking aloud as they sit round their tables  
 Scattering flowers washed down by the rain  
 Stood by the gate at the foot of the garden  
 Watching them pass like clouds in the sky  
 Try to cry out in the heat of the moment  
 Possessed by a fury that burns from inside.

Cry like a child, though these years make me older  
 With children my time is so wastefully spent  
 A burden to keep, though their inner communion  
 Accept like a curse an unlucky deal  
 Played by the gate at the foot of the garden  
 My view stretches out from the fence to the wall  
 No words could explain, no actions determine  
 Just watching the trees and the leaves as they fall.

## O ETERNO

O cortejo segue, a gritaria acabou  
 Ficou pra trás o louvor à memória dos que se foram  
 Falam alto, conversam em volta das mesas  
 Flores espalhadas, varridas pela chuva  
 De pé junto ao portão da entrada do jardim  
 A observá-los, passando como nuvens no céu  
 Tentando chorar no calor do momento  
 Possuído por uma fúria que queima por dentro.

Choro como uma criança, ainda que estes anos tenham me envelhecido  
 Com crianças, meu tempo é tão desperdiçado  
 Um peso a carregar, ainda que suas íntimas comunhões  
 Aceito como uma maldição, como um acordo ruim  
 Entretido pelo portão da entrada do jardim  
 Minha visão se estica da cerca até o muro  
 Nenhuma palavra explicaria, nenhuma ação determinaria  
 Apenas olho as árvores e as folhas que caem.

**IAN CURTIS** (1956-1980), em seus 23 anos de vida, ficou conhecido como o letrista, vocalista e líder da banda inglesa Joy Division. Desde pequeno, foi poeta e leitor voraz. As letras de suas canções nasceram, na maior parte das vezes, como poemas.

**ANDRÉ CARAMURU AUBERT** é escritor, poeta e tradutor. É autor, entre outros, do romance *Poesia Chinesa* (2018) e dos versos de *se/que eu vi* (2019).

ENSAIO

# ECOS NO LABIRINTO

***O Nome da Rosa*, do escritor e filósofo italiano Umberto Eco (1932-2016), chega aos 40 anos com corpo e rosto de 20**

JOCÊ RODRIGUES

**N**ão tem jeito. O ser humano é fascinado pelo mistério. Faz parte da nossa formação. Cada um de nós, em maior ou menor grau, é atraído a desvendar aquilo que está oculto e escondido — seja a vida privada daquele vizinho suspeito ou o mistério do paradeiro de uma obra de arte desaparecida. É um chamado natural que o historiador da arte Noah Charney chama de “instinto de caça ao tesouro”.

Talvez isso tenha a ver com nossos ancestrais caçadores e coletores, que eram desbravadores e abelhudos por natureza. O fato é que ainda resiste na gente o impulso de resolver enigmas. E, se prestarmos bastante atenção, é fácil perceber que algumas das nossas tradições carregam muito dessa inclinação. Está presente até nas nossas brincadeiras. Quem nunca brincou com os amigos de caça ao tesouro, caça

aos ovos de páscoa ou de esconde-esconde, por exemplo?

É interessante notar como muitas áreas do conhecimento humano se valem desse nosso impulso. Se você reparar bem, o diagnóstico médico, a investigação criminal e tantas outras têm muito em comum. Embora existam diferenças muito claras entre elas, todas se valem de sinais, sintomas e vestígios, ou seja, de pistas que possam levar a uma resposta, que pode levar a outras perguntas, que podem levar a outras respostas e assim por diante.

Tomemos como exemplo a psicanálise. Sigmund Freud foi, desde a juventude, grande admirador da arqueologia, ciência que também se vale de indícios de descobrir tesouros da história e da cultura humana que de outro modo continuariam enterrados. Ela também se vale das pistas, dos sintomas, para saber onde e como cavar, na busca pelos tesouros da nossa psique. Tais características detetivescas levaram o pai da psicanálise a figurar ao lado de Sherlock Holmes e Giovanni Morelli no famoso ensaio “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário”, escrito pelo historiador italiano Carlo Ginzburg em 1979, e, mais recentemente, o transformou



até em protagonista de série de mistério na Netflix.

Particularmente, me atrai o jogo detetivesco. Gosto das pontas soltas que vão sendo amarradas a cada nova descoberta, dos desencontros que acabam por elucidar situações complexas e dos *insights* que surgem após o acúmulo de informações das mais variadas espécies. Enfim, todos elementos que fazem parte da discussão sobre o paradigma indiciário dentro do contexto narrativo. Discussão

da qual o escritor e filósofo Umberto Eco era grande entusiasta, como já demonstrava em caudalosos ensaios e artigos sobre semiótica, anteriores à publicação do seu primeiro romance, aquele que o consagraria como um dos grandes escritores da modernidade.

## **INVESTIGANDO O INFINITO**

Com *status* de livro indispensável, *O Nome da Rosa* chega aos 40 anos com corpo e rosto de 20. Este verda-

DIVULGAÇÃO

O escritor e filósofo italiano Umberto Eco (1932-2016), autor de *O Nome da Rosa*

deiro romance de peso fez muitas cabeças fundirem com sua história envolvente e cheia de caminhos que se bifurcam. Um trabalho que tornou o seu autor famoso no meio literário e que continua a influenciar gerações pela sua sagacidade e erudição. Um verdadeiro labirinto cuja saída leva a outros labirintos; um salão de espelhos dos mais variados tamanhos e formatos, que se refletem e distorcem diante do leitor atônito; uma vasta “antibiblioteca” que se insinua

no tempo e no espaço da linguagem e um experimento literário que nos guia por diversos gêneros sem nunca soar como mero pastiche ou colagem.

Quando o lúcido e bisbilhoteiro franciscano Guilherme de Baskerville, acompanhado por seu pupilo Adso de Melk, investiga os crimes cometidos dentro de uma misteriosa e inominada abadia medieval, ele não está apenas resolvendo os crimes cometidos ali, mas também está nos ensinando a ler o livro do mundo através

dos seus signos e caracteres. O mesmo livro que Galileu afirmava ser impossível de ser compreendido sem o correto uso da razão.

Logo no começo da narrativa, enquanto chegam à sombra da abadia, Guilherme dá prova da sua argúcia e racionalidade ao perceber as pegadas frescas de um cavalo que está sendo procurado por alguns monges. Tão-nha é a agudeza do seu raciocínio, que não demora muito para ele conseguir assegurar não apenas a direção tomada pelo animal, mas também o seu porte, o tamanho dos seus olhos, o formato das suas orelhas e até mesmo o seu nome. Uma habilidade que deixa Adso, monges e leitores, boquiabertos.

A esse complicado mas excitante processo de apreensão e busca pela comprovação de prerrogativas especuladas dá-se o nome de abdução (não a alienígena, que fique claro), definida pelo filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce como uma das três formas de inferência lógica, junto à indução e dedução.

Peirce, aliás, foi um verdadeiro herói para Umberto Eco. Portador de vasto arsenal intelectual, tornou-se figura emblemática nos círculos intelectuais e acadêmicos por revolucionar a forma como entendemos a linguagem e a comunicação. É como se Peirce fosse o Guilherme de Baskerville da vida real, enquanto a Eco caberia o papel de Adso de Melk, o atento aluno sempre disposto a aprender as lições do mestre. No entanto, Eco não era o único pregador da palavra peirceana.

Mais de uma geração já havia se encantado com o brilhantismo de um dos pais do pragmatismo e muitos eram os que jogavam as sementes de suas ideias em terrenos pelo mundo, na esperança de que elas continuassem a florescer e a dar frutos. Entre eles, Thomas Albert Sebeok, semioticista húngaro com quem Eco organizou *O Signo de Três*, livro de ensaios onde Peirce aparece como super detetive, ao lado de Auguste Dupin e Sherlock Holmes, os famosos investigadores com habilidades quase supra-humanas, criados pelas penas de Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle.

Em “Chifres, Cascos, Canelas”, ensaio assinado pelo próprio Umberto para o livro, ele assinala a importância do processo de busca por laivos e rastros para as mais diversas áreas do conhecimento:

## ENSAIO

*A análise dos procedimentos conjecturais na investigação criminal pode lançar nova luz sobre os procedimentos conjecturais na ciência, bem como a descrição de procedimentos conjecturais na filologia pode lançar nova luz sobre a diagnose médica.*

Importante salientar que todo esse debate entusiasmado sobre pistas, indícios e sintomas inicia-se nos anos anteriores à publicação de *O Nome da Rosa* e continuaria a acontecer depois dela. A busca pelo mistério sempre foi um dos temas norteadores da literatura ficcional e da produção acadêmica de Eco, muito antes do aparecimento das séries de crimes, assassinatos e diagnóstico médico que fazem a cabeça do grande público na atualidade. Mas não se enganem. Embora seja considerado um autor pop, por assim dizer, que angariou fãs com títulos como *O Pêndulo de Foucault*, *Baudolino* e *A Ilha do Dia Anterior*, o autor de livros do calibre de *Tratado Geral de Semiótica*, *As Formas do Conteúdo* e *A Estrutura Ausente* ainda é capaz de fazer tremer na base até o mais destemido estudante de linguagem. Mas nada que uma boa dose de coragem, hábito e orientação não resolva.

**DA PÁGINA À TELA**

Em 1986, Jean-Jacques Annaud assumiu a difícil tarefa de transpor a densa trama de *O Nome da Rosa* para as telas do cinema. No elenco, um já prestigiado Sean Connery, com seus trejeitos galantes herdados da sua época como o agente secreto 007, contracenava com um imberbe Christian Slater.



REPRODUÇÃO



Em 1986,  
Jean-Jacques  
Annaud levou  
*O Nome da  
Rosa* para os  
cinemas

Assisti-o pela primeira vez em sala de aula durante o ensino médio. Uma experiência um tanto quanto tediosa para a época, preciso confessar. Como boa parte dos jovens nessa idade, eu preferia jogar conversa fora com os amigos do que assistir por duas horas a dois religiosos medievais resolvendo crimes e discutindo complexos assuntos teológicos como se fosse a coisa mais normal do mundo. Até aí, nada de novo sob o sol.

Ao fim da sessão, a pergunta capciosa disparada feito dardo em brasa pela professora: qual era o nome da tal rosa, afinal? Depois de um silêncio constrangedor, alguns arriscaram, dizendo que Rosa deveria ser o nome da moça que se relaciona carnalmente com Adso. Fazia sentido, pelo menos naquela época, fazia. Ela não confirmou, nem negou. E ficou por isso mesmo.

Alguns anos depois, quando encarei a leitura do livro pela primeira vez, veio a queda do cavalo. Ao devorar o calhamaço até o final, ficou claro que não se tratava de saber o nome da tal rosa, que sequer aparecia no filme ou no livro. Era antes uma questão de pensar sobre como nomeamos as coisas; de como ligamos um nome a uma imagem mental e todo processo que envolve um ato tão simples à primeira vista. Ao formular dessa maneira minha interpretação inicial, foi impossível não pensar no prazer que Adão deve ter sentido quando lhe foi permitido sair nomeando as plantas e os animais do Jardim do Éden.

Também era sobre os processos que utilizamos para chegar o mais próximo possível de uma verda-

de, dos caminhos que tomamos para conhecer algo e dos desvios que vez ou outra pegamos, de acordo com aquilo que acreditamos.

Somente muito tempo depois voltei a ver o filme e foi como redescobrir o mundo, mas olhando de outro ângulo, com olhos emprestados. Tantas nuances, tantas sacadas aliadas ao sucesso da inteligente apresentação da intertextualidade presente no livro, mesmo que em outro suporte. Uma experiência bastante diferente da leitura. Talvez um tanto mais diluída, é verdade, mas ainda assim bastante recompensadora.

#### UMA HISTÓRIA DE LIVRO

“O bem de um livro reside em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro é portador de signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo”, ensina Guilherme de Baskerville já quase no fim da jornada empreendida para descobrir o abstruso assassino.

Assim é construído *O Nome da Rosa*, um livro feito de outros livros e que vai se encaixando, página a página, como se fosse um enorme e delicioso quebra-cabeças que nos mostra uma profusão de imagens tão numerosas e fabulosas quanto aquelas esculpidas pelo deus Hefesto no escudo de Aquiles (minuciosamente analisado por Eco em *As Vertigens das Listas*). Cada imagem carrega um significado, uma história proveniente de outras histórias. Cenas tão diversas entre si quanto experiência que cada leitor tem ao se embrenhar pelos densos caminhos construídos por uma das mentes mais brilhantes que a humanidade já concebeu.

Para se guiar por eles é preciso estar atento aos sinais. “Nunca duvidei da verdade dos signos, Adso, são a única coisa de que o homem dispõe para se orientar no mundo”, ensinava Guilherme. Por isso, graças a uma infinidade de vias a serem percorridas dentro da sua narrativa, 40 anos virão, e mais 40 depois deles, e nós ainda estaremos perseguindo os traços, pegadas e indícios espalhados pelas camadas deste livro inesgotável.

---

**Jocê Rodrigues** é escritor, jornalista e host do podcast *Indiciário*. Vive em São Paulo (SP).

# NA ÓPERA DE WIFREDO LAM

## I

o signo não elide o chifre lunar.  
há um nervo teso sob o seu traço.  
com ele se escreve incêndio  
antes que a floresta se apague. Paris  
é um jardim à beira da cena. o esqueleto  
de recife é sua ilha e esplende  
: além da sua forma o que vai dentro  
sob a folhagem acima da noite?  
: além do seu núcleo impresso  
numa oficina de Milano o que respira?  
: além do rio numa foto mais do que a pele  
o que vai dentro não se exprime,  
acelera a agulha solar entre as árvores,  
compõe sotto voce a economia do excesso.

## II

quem é você? fora de si quem é você?  
sua máscara seu enigma  
o que extrair da superfície? quem  
sou eu diante de você?  
— sua voz nexa das esferas.  
entre nós, um freio range a cada  
gesto: “isso é impossível,  
aquilo não pode,  
indo a Marseille não se fie dos cordames,  
se voltar de Londres inverta as rotas”.  
sua voz semeia, seu eixo inclinou  
para o deserto: onde a sua máscara de água?  
em seu caderno de notas a língua  
ressoa ao revés,  
entendê-la não é um exercício de músculos.  
indo ao continente, você desata o nó:  
— onde a floresta submersa da cidade?  
quem sou eu de terno e gravata  
aos pés do edifício? lacerado e preso  
ao rito à névoa ao nada?  
a mão risca a superfície  
— fora de si, quem é você? quem sou eu?  
sob a língua empedernida de ontem?  
traídos no metrô sem a chave do hotel  
nos resta a colônia de balões amargos.



ILUSTRAÇÃO: CAROLINA VIGNA



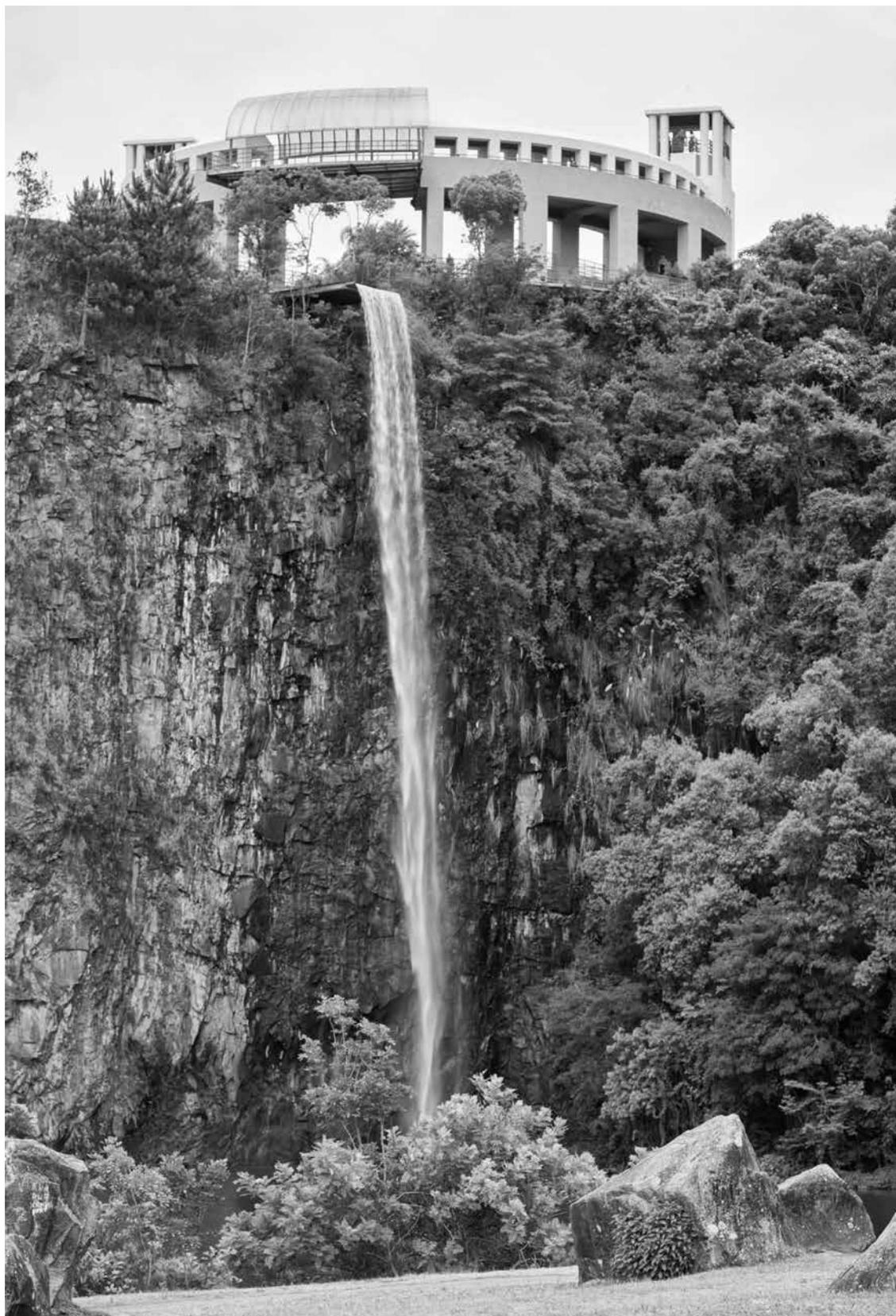
III

um lagarto escapa com o espírito da ilíada.  
 não seremos salvos, se queríamos algo  
 não é a sarça levada pelos anjos.  
 soam os corpos porosos.  
 é de guerra a música, embora muitos  
 se façam de surdos.  
 a alegria jaguar nos captura.  
 ao sol devorante do meio-dia formas insabidas  
 se libertam                    algum deus será demitido.  
 tudo é matemática no caos.  
 enlaçado às lianas sou máscara também: “não  
 se importe” — grita de longe o afiadador de arpões.  
 “em qualquer língua mentirão  
 o seu nome. não se chame — inflame-se”.  
 a revanche do sol, a sede da floresta: adiamos  
 quem não suporta o breu translúcido    das escamas.  
 — recusa acusa os crimes, ouço pulsar  
 a voz detrás da máscara. estou no refúgio-mundo  
 onde embarcam as ideias: sei quem é você  
 e a forma íngreme dos seus nervos.

---

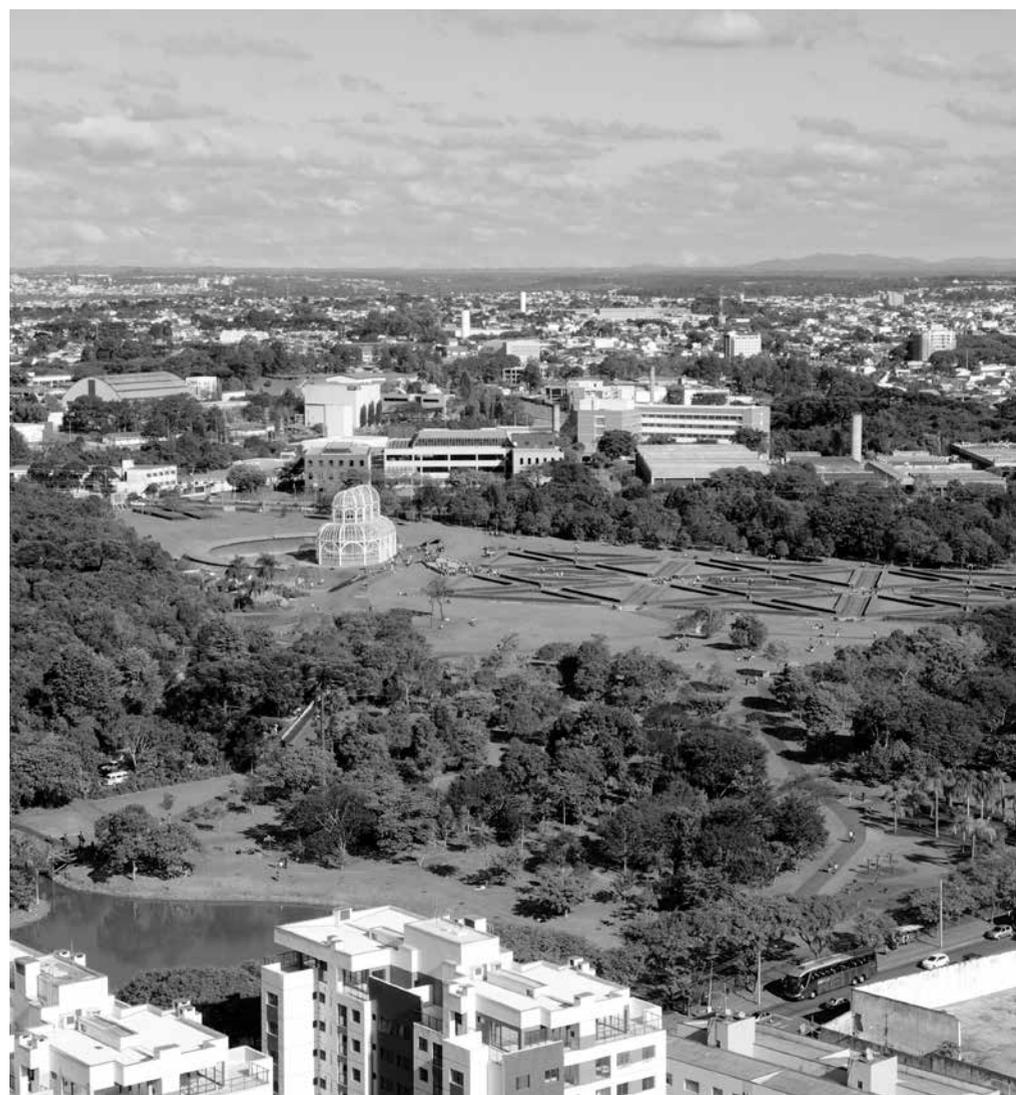
**EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA** é um poeta, ensaísta e pesquisador mineiro. Em 2019, reuniu parte expressiva de sua trajetória literária na antologia *Poesia +*, lançada pela Editora 34. “Na Ópera de Wilfredo Lam” faz parte de uma série surrealista em que o autor dialoga com algumas experiências estéticas do Caribe.

CLIQUES EM CURITIBA | ANDRÉ WORMSBECKER

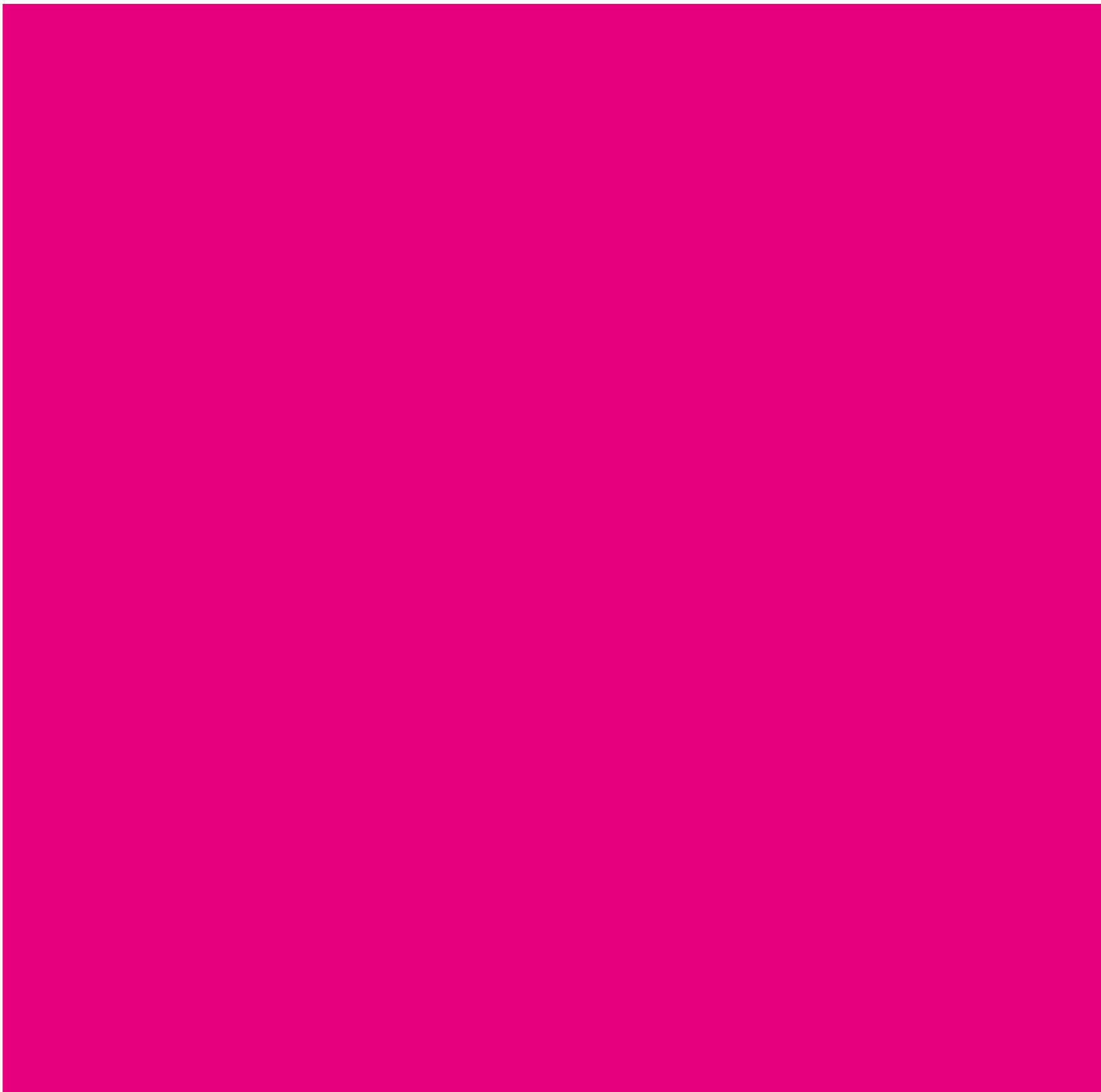




**ANDRE WORMSBECKER** começou trabalhando com vídeos, em meados de 2004, e no final do mesmo ano enveredou para a fotografia. Associado à American Society of Picture Professionals (ASPP), ao Getty Images e à Arfoc Brasil, estudou com Gus Benke e João Bruscz. Apesar de seu olhar fotográfico ser dedicado principalmente à beleza feminina, também faz outros tipos de registros — como estes de Curitiba. “Meus primeiros ensaios já foram muito especiais e me deram cada vez mais vontade de me aprofundar na área e estudar muito”, diz Wormsbecker, cujo trabalho pode ser encontrado no *Instagram* @andrewormsbecker.







---

**LUNA BUSCHINELLI** nasceu em São Paulo (SP), em 1997. De sua vivência em Trancoso, na Bahia, assimilou referências visuais e adicionou-as ao seu trabalho como artista visual — focado na complexidade da mente e do inconsciente. Já ilustrou livros e criou murais no Brasil e exterior. Compartilha suas criações no *Instagram* @lunabuschinelli.

POEMA | RODRIGO GARCIA LOPES

ILUSTRAÇÃO: CAROLINA VIGNA

# NA PRAIA, JUNHO

*Ter vivido em um mundo  
onde nuvens eram brancas esponjas  
diluindo um céu bizarramente blue  
gralhas-azuis nos galhos da nossa varanda  
e as espumas de intensos instantes  
sopradas furiosamente por um vento sul  
entre os apupos dos pescadores logo cedo  
os olhos bordejando as ilhas distantes  
antes mastigaram o neveeiro  
nossos corpos satisfeitos e ainda quentes  
lendo as pistas que os detetives noturnos não seguiram  
os pés imprimindo em sua passagem  
a sensação de uma vida acontecendo  
limpa como a areia após a onda.*

---

**RODRIGO GARCIA LOPES** é poeta, compositor, romancista e tradutor (de Arthur Rimbaud, Walt Whitman, Sylvia Plath, Laura Riding, Marcial, entre outros). Publicou seis livros de poemas: *Solarium* (1994), *visibilia* (1996), *Polivox* (2001), *Nômada* (2004), *Estúdio Realidade* (2013) e *Experiências Extraordinárias* (2015). "Na praia, junho" faz parte de *O Enigma das Ondas*, que será lançado no segundo semestre deste ano pela editora Iluminuravs.

